

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

DÉBORA HANNA FIGUEIREDO DE LIMA

**LITERATURA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A AGÊNCIA FEMININA
ATRAVÉS DO VÉU EM NEVE, DE ORHAN PAMUK**

BRASÍLIA

2016

DÉBORA HANNA FIGUEIREDO DE LIMA

**LITERATURA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A AGÊNCIA FEMININA
ATRAVÉS DO VÉU EM NEVE, DE ORHAN PAMUK**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Instituto de Relações Internacionais da Universidade
de Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharela em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carvalho Pinto

BRASÍLIA

2016

DÉBORA HANNA FIGUEIREDO DE LIMA

**LITERATURA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A AGÊNCIA FEMININA
ATRAVÉS DO VÉU EM NEVE, DE ORHAN PAMUK**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Instituto de Relações Internacionais da Universidade
de Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: 06/12/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Vânia Carvalho Pinto
Universidade de Brasília – IREL/ UnB
Orientadora

Prof. Dr^a. Sonia Cristina Hamid
Instituto Federal de Brasília – IFB
Examinadora

Prof. Dr^a. Tânia Maria Pechir Gomes Manzur
Universidade de Brasília – IREL/ UnB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me abençoar durante todos os meus dias, permitindo que eu trilhasse todos os caminhos até o presente e cumprisse todos os propósitos que Ele tem para minha vida.

Em especial, agradeço aos meus pais, Rosana e Roberto, pela dedicação, amor e carinho incondicionais depositados em todos os anos de minha criação. Agradeço a eles pelo cuidado e apoio dados nos últimos meses e pela confiança constante de que eu alcançaria meus objetivos. Sem seus esforços e sacrifícios feitos desde que nasci, eu jamais estaria concluindo uma etapa tão importante em minha vida. Obrigada por serem uma base tão sólida que sempre me impulsionou a perseguir meus sonhos.

Ao meu irmão Rodrigo, obrigada por me inspirar diariamente a ser uma pessoa melhor e por me apoiar constantemente. Sou eternamente grata aos meus avós maternos e à minha avó paterna por todo o amor e preocupação que contribuíram não só para minha trajetória, mas também para o meu caráter. Agradeço, especialmente, à minha avó Lenira por ser um exemplo de mulher forte, por transmitir tanta sabedoria e por se orgulhar de cada pequena conquista.

Agradeço ao meu namorado, Victor, por todo o apoio, incentivo e amor que tanto me ajudaram nos últimos meses. Sua confiança diária no meu potencial foi e continuará sendo essencial para mim. Muito obrigada por não me deixar desistir, por tornar a trajetória mais leve e por estar sempre presente. Aos meus amigos de curso, agradeço imensamente pelas experiências e momentos, quer fossem bons ou ruins, compartilhados durante esses anos de graduação. Aos demais amigos, agradeço por me apoiarem e acompanharem minhas conquistas há tantos anos. Os levo para o resto da vida como irmãos.

Finalmente, agradeço à minha orientadora, Professora Vânia Carvalho Pinto pela confiança em meu potencial, pela orientação dedicada, pela disponibilidade e pelos conhecimentos inestimáveis transmitidos. Agradeço também, às colegas e aos colegas do CEGRI por todo o apoio e auxílio na confecção desse trabalho. Suas correções e palavras de incentivo foram essenciais e marcaram grandemente minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar e descrever as múltiplas expressões de agência de mulheres muçulmanas veladas, explorando a temática por meio da obra literária *Neve*, de Orhan Pamuk, ambientada na Turquia. Para cumprir esse propósito, adota-se como marco teórico a proposta de Kelsy Burke de quatro modalidades de agência que mulheres religiosas podem manifestar: *agência como resistência*, *agência instrumental*, *agência como empoderamento* e *agência como conformidade*. Em um primeiro momento, descrevem-se estas modalidades de agência relacionadas à religião, destacando os aspectos teóricos e conceituais que as sustentam e enfatizando a importância da interação entre agente e estrutura para a compreensão do conceito de agência. Em seguida, os tipos de agência supracitados são aplicados à personagem Kadife, que utiliza o véu islâmico, em diferentes momentos da narrativa, estabelecendo uma intersecção entre cultura popular e Relações Internacionais. Essa pesquisa afirma que as mulheres veladas podem manifestar, ao longo de suas vidas, diferentes modalidades de agência. Portanto, estas não seriam excludentes e sim complementares para a análise detalhada das experiências de mulheres veladas em diversos contextos.

Palavras-chave: Agência. Religião. Islamismo. Mulheres veladas. Cultura popular. Literatura.

ABSTRACT

This study aims to analyze and describe the multiple expressions of the agency of veiled Muslim women, exploring the theme through the novel *Snow*, by Orhan Pamuk, set in Turkey. In order to fulfill this purpose, this research adopts as theoretical framework Kelsy Burke's proposal of four approaches of agency religious women may exhibit: *agency as resistance*, *instrumental agency*, *empowerment agency* and *compliant agency*. Firstly, these modalities of agency related to religion are described, highlighting the theoretical and conceptual aspects that underpin them and emphasizing the importance of the interaction between agent and structure for understanding the concept of agency. In what follows, the types of agency aforementioned are applied to Kadife, character of the book who wears the veil, at different times in the narrative. establishing an intersection between popular culture and International Relations. This research states that veiled women may manifest different forms of agency throughout their lives. Therefore, these modalities of agency are not excluding but work complementarily in order to develop a detailed analysis of the experiences of veiled women in diverse contexts.

Keywords: Agency. Religion. Islam. Veiled women. Popular culture. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO: AGÊNCIA E RELIGIÃO	12
1.1. AGÊNCIA COMO RESISTÊNCIA	14
1.2. OUTRAS ABORDAGENS A PARTIR DA LÓGICA DA RESISTÊNCIA: INSTRUMENTAL E EMPODERAMENTO.....	16
1.2.1. Agência instrumental	16
1.2.2. Agência como empoderamento.....	17
1.3. AGÊNCIA COMO CONFORMIDADE	18
1.4. VANTAGENS E LIMITAÇÕES DAS ABORDAGENS	19
1.5. APLICAÇÃO DO MARCO TEÓRICO	21
CAPÍTULO 2 – KADIFE: AGÊNCIA COMO RESISTÊNCIA, INSTRUMENTAL E COMO EMPODERAMENTO	23
2.1. AGÊNCIA DE KADIFE COMO <i>RESISTÊNCIA</i>	24
2.2. RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO VÉU: A <i>AGÊNCIA INSTRUMENTAL</i> DE KADIFE ...	25
2.3. RESISTÊNCIA AO ASPECTO PATRIARCAL DA RELIGIÃO: A <i>AGÊNCIA COMO EMPODERAMENTO</i> DE KADIFE	27
CAPÍTULO 3 – KADIFE: <i>AGÊNCIA COMO CONFORMIDADE</i> E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO RELIGIOSO	30
3.1. A TRANSFORMAÇÃO DO <i>SELF</i> DO SUJEITO RELIGIOSO.....	32
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICE A – Sinopse do livro <i>Neve</i> de Orhan Pamuk	43

INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais e a cultura popular mantêm entre si uma relação complexa ainda pouco explorada pela disciplina. É possível observar que, assim como produções de cultura popular podem ser produto de fenômenos da política internacional, a última pode, também, ser diretamente influenciada pela primeira. As representações de cultura popular refletem aspectos sociais e políticos reais e, simultaneamente, desempenham um papel crucial na constituição deste mundo social e político (NEUMANN; NEXON, 2006, p. 6). Nesse sentido, há uma oportunidade na disciplina de desenvolver pesquisas que dialoguem com o campo da cultura popular.

A opção pelo uso do livro *Neve*, de Orhan Pamuk, para o presente trabalho reside na interação que é possível estabelecer entre cultura popular – expressa neste trabalho pela literatura –, as Relações Internacionais e o feminismo. No campo das Relações Internacionais, há também uma lacuna a se preencher por meio de pesquisas que tratem de temas de pertinência internacional e política em textos relevantes para a compreensão de dinâmicas de gênero em diversos locais (HANSEN, 2011, p. 111).

A cultura popular e as Relações Internacionais podem se relacionar de múltiplas formas. De modo a facilitar a compreensão dessas interações, Neumann e Nexon (2006, p. 10-17) propõem quatro abordagens com que pesquisadores da disciplina podem engajar a cultura popular em suas pesquisas: (1) cultura popular e política; (2) cultura popular como espelho; (3) cultura popular como dado; e (4) cultura popular como constitutiva. A presente pesquisa identifica na interação da disciplina com o livro *Neve* duas dessas abordagens, de *cultura popular como espelho* e *cultura popular como dado*.

De acordo com a abordagem de *cultura popular como espelho*, os elementos de cultura popular podem servir como recursos pedagógicos que facilitem a explicação de conceitos e processos das Relações Internacionais. Pode, também, servir como meio de inspiração para a exploração de conceitos teóricos e temas da disciplina (NEUMANN; NEXON, 2006, p. 11-13). O livro de Pamuk, ao tratar do uso do véu islâmico em uma sociedade secular, revela a importância de analisar a inserção de mulheres veladas¹ em diferentes contextos sociais enquanto tema relevante para as Relações Internacionais. A relação entre literatura e Relações Internacionais é empregada, neste trabalho, como forma de estudar e evidenciar a agência de mulheres veladas, tema com viés de gênero relevante na

¹ Refere-se às mulheres islâmicas que utilizam o véu (*hijab*).

política interna da Turquia, onde se passa a narrativa, e também no contexto internacional. Além disso, a utilização do livro permite evidenciar como uma produção cultural influencia e é influenciada por relações sociais e de gênero (cf. WANZO, 2016, p. 651), tornando possível estabelecer uma conexão entre essa abordagem e pesquisas feministas em Relações Internacionais.

A abordagem de *cultura popular como dado*, por sua vez, detalha como as produções de cultura popular evidenciam normas dominantes, valores culturais, ideias, identidades ou crenças em um Estado, sociedade ou região em particular. As produções culturais podem, ainda, evidenciar processos políticos em curso (NEUMANN; NEXON, 2006, p. 13-14). A obra escolhida para este trabalho evidencia o conjunto de normas e valores da sociedade turca em que se passa a narrativa. Essas evidências permitem a análise da interação da personagem Kadife, foco do estudo realizado nos capítulos subsequentes, com as normas seculares da Turquia. A partir dos dados depreendidos da obra é possível identificar as estruturas com as quais a personagem estabelece interação.

A interação do ator com a estrutura é um aspecto fundamental para a compreensão do conceito de agência, central para este trabalho. O termo agência aparenta, inicialmente, ser simples, ou seja, tratar-se-ia de um conceito que denota a habilidade dos indivíduos de terem algum tipo de impacto sobre o mundo. No entanto, apesar da agência ser uma capacidade universal, ela é manifestada de forma variada, tendo diferentes significados em diferentes contextos culturais. O conceito é frequentemente visto como a capacidade de agir de forma intencional e autônoma, mas, como será visto adiante, não pode ser reduzido ao voluntarismo e autonomia do agente. É essencial para a presente pesquisa compreender que agência sempre se manifesta em relação às normas dominantes e às estruturas de poder. Dessa forma, a capacidade de agência sempre se materializa através da interação com determinadas estruturas (McNAY, 2016, p. 39-41). Portanto, a aplicação das modalidades de agência manifestadas pela personagem Kadife realizada neste trabalho é feita a partir da identificação das estruturas com as quais ela interage, nomeadamente, a religião enquanto conjunto normativo, a sociedade secular turca e as características patriarcais da religião islâmica. A delimitação dessas estruturas será fundamental para a análise pretendida da agência da personagem.

A aplicação do conceito de agência a um trabalho de Relações Internacionais permite sua expansão em pesquisas da disciplina, tendo em vista que este conceito é mais amplamente utilizado na Antropologia e na Ciência Política. Entre os trabalhos mais recentes sobre agência no campo das Relações Internacionais está o artigo *We need to talk about silence: Re-examining silence in International Relations theory* de Sophia Dingli (2015), em

que a autora sugere uma ampliação no entendimento do silêncio na teoria das Relações Internacionais, de modo a identificar agência em atos de silêncio.

Além disso, o conceito de agência, por ser diretamente relacionado aos indivíduos e à forma com que interagem com a estrutura, mostra-se como uma ferramenta teórica útil para estudos de Relações Internacionais que se enquadrem no nível de análise² do indivíduo. Ao contrário dos níveis de análise sistêmico e estatal, este permite considerar que as nações consistem de grupos de indivíduos que operam dentro de uma estrutura institucional (SINGER, 1961, p. 89). Assim, dado o foco desse nível de análise nos indivíduos enquanto atores das relações internacionais, o conceito de agência permite o enriquecimento de pesquisas centradas no indivíduo, uma vez que possibilita o reconhecimento da capacidade de manifestar agência de todos os sujeitos. O presente trabalho, por sua vez, pretende reconhecer as mulheres veladas como agentes e, por conseguinte, como sujeitos das Relações Internacionais, desafiando as representações dessas mulheres como meras marionetes de uma ideologia religiosa.

Esta monografia tem como *objetivo geral* analisar, à luz do livro *Neve*, as diferentes manifestações de agência da personagem Kadife, visando identificar as múltiplas formas de agência que as mulheres veladas podem expressar em contextos diversos. A escolha de Kadife como objeto de análise justifica-se por ser a única entre as personagens principais do livro a adotar o *hijab*³. Além disso, o personagem principal, o poeta Ka, viaja à cidade de Kars sob o pretexto de investigar o suicídio das jovens que eram pressionadas a abandonarem o uso do véu; essas jovens faziam parte de um grupo, liderado por Kadife⁴.

Assim, o trabalho objetiva responder à *pergunta*: “de que maneira a expressão de diferentes formas de agência pela personagem Kadife ajuda a estipular a existência de múltiplas agências de um mesmo indivíduo através do *hijab*? ”. A *hipótese* desenvolvida nesse trabalho é a de que a agência da personagem Kadife pode ser entendida como variando ao longo de um contínuo, tornando possível teorizar que a agência das mulheres veladas não é imutável ao longo do tempo.

A monografia é composta pela presente introdução, um marco teórico, dois capítulos de aplicação das modalidades de agência ao livro *Neve* e um capítulo de conclusão. O marco teórico (Capítulo 1) descreve a relação entre agência e religião e apresenta as tipologias de agência a serem aplicadas, sendo elas: a *agência como resistência*, *agência instrumental*,

² A proposição de níveis de análise para o estudo das Relações Internacionais é feita por David Singer, no artigo *The Level-of-Analysis Problem in International Relations* (1961).

³ Véu islâmico que cobre os cabelos e o colo, mas não esconde o rosto da mulher.

⁴ Para sinopse completa do livro, ver Anexo A.

agência como empoderamento e agência como conformidade. Os dois capítulos (Capítulos 2 e 3) seguintes aplicarão, respectivamente, as três primeiras modalidades e a última delas à personagem Kadife. Por fim, serão apresentadas as conclusões finais acerca do trabalho.

CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO: AGÊNCIA E RELIGIÃO

O presente trabalho possui como ponto de partida a premissa de que uma compreensão adequada da decisão pelo uso do véu por mulheres islâmicas depende inequivocamente do reconhecimento da agência que permeia esse e outros atos relacionados à observância religiosa. Assim, tem-se como objetivo superar determinados entendimentos relacionados ao conceito de agência que retratam as mulheres praticantes de religiões que subscrevem papéis tradicionais de gênero⁵ como não agentes. Para isso, faz-se necessário, inicialmente, questionar a compreensão dicotômica acerca do uso do véu pelas mulheres islâmicas como a) resultado de coação e opressão; ou b) como escolha gerada pelo desenvolvimento de uma falsa consciência (*false consciousness*)⁶ (BILGE, 2010, p.14; AVISHAI, 2008, p. 411). Em ambas as abordagens dessa percepção dual, a mulher velada é considerada como desprovida de agência (BILGE, 2010, p.14).

Também central para o trabalho é a compreensão de que as construções teóricas que não reconhecem a agência de mulheres que manifestam hábitos religiosos, como o uso do véu islâmico, são tecidas a partir de entendimentos liberais, seculares e masculinos de agência. É fundamental compreender que essa concepção está calcada na universalização da crença de que todos os indivíduos possuem um desejo inato por liberdade e buscam constantemente afirmar sua autonomia (MAHMOOD, 2005, p. 5). Assim, nessa visão, o conceito de agência estaria ligado e restrito ao livre exercício de um comportamento autônomo (MACK, 2003, p. 149).

Essa construção, em particular, faz-se presente no feminismo liberal, que tende a reconhecer apenas os tipos de agência nos quais as mulheres buscam empoderamento e libertação do patriarcado (BURKE, 2012, p. 123). Em outras palavras, no feminismo liberal, o entendimento de agência é centrado na capacidade individual de agir em estruturas sociais de maneira independente ou autônoma. Esse conceito de agência contempla somente um conjunto restrito de ações voluntárias e intencionais, excluindo da esfera de agência, no entanto, as ações de mulheres que manifestam docilidade e conformidade em relação às

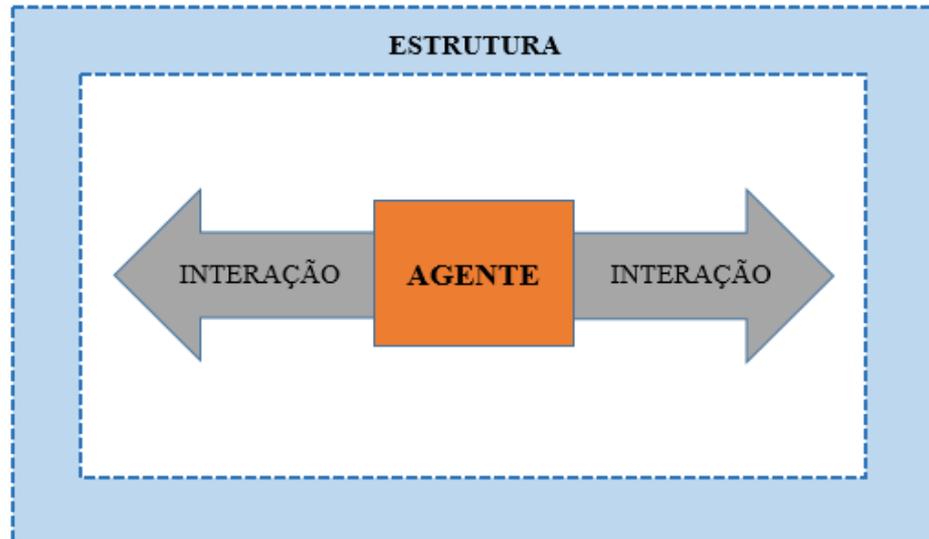
⁵ Utilizado como sinônimo do termo *gender-traditional religions*, que se refere às religiões nas quais existe a crença tradicional de que homens e mulheres foram criados para exercerem papéis diferentes e complementares, tendendo a privilegiar a posição masculina (BURKE, 2012, p.122).

⁶ O termo *false consciousness* foi originalmente utilizado por Friedrich Engels para caracterizar a forma pela qual a classe proletária é compelida, por meio de ideologias, a formular representações mentais das relações sociais que a cerca, de forma a sistematicamente ocultar as realidades de subordinação, exploração e dominação causadas por essas relações (EHLERS, 2016, p. 350). No caso das mulheres islâmicas, é frequentemente utilizado como sinônimo da internalização de normas patriarcais (MAHMOOD, 2005, p. 6), de forma a inferir que a escolha pelo uso do véu não é imbuída de agência na definição liberal e voluntarista do conceito.

estruturas sociais que as cercam. Esse foco nas características de autonomia, liberdade e racionalidade do ator reforça uma perspectiva patriarcal que não reconhece a agência de mulheres que, submetidas a determinadas relações de poder, não manifestam ações concebidas como voluntárias (McNAY, 2016, p. 40-41).

Assim, o presente estudo sugere que é possível compreender a agência feminista por meio de abordagens que desvinculem o fenômeno de um caráter exclusivamente voluntarista. Propõe-se, por meio da análise das experiências de mulheres religiosas, evidenciar que essas podem expressar sua agência de múltiplas formas; objetiva-se, então, demonstrar que o conceito de agência feminina é bastante amplo e diverso, devendo ser compreendido como um construto histórico e culturalmente específico (MAHMOOD, 2005, p. 14-15). É central, também, compreender que o conceito se desenrola dentro de contextos relacionais de poder, particulares a cada conjuntura social (McNAY, 2016, p. 39-42). Por conseguinte, a agência de um indivíduo emerge de sua interação com as estruturas de poder em que se insere, como esquematizado na figura abaixo.

Figura 1 – Agência a partir da interação do agente com a estrutura



Fonte: A autora (2016)

Dessa forma, este trabalho buscará explorar definições de agência que reconheçam as ações de mulheres praticantes de religiões tradicionais e, em especial, de mulheres muçulmanas veladas, objeto de estudo aqui escolhido. Isso posto, não se pretende propor uma construção teórica única capaz de definir a agência de mulheres religiosas e veladas como um grupo monolítico. Alternativamente, buscar-se-á reconhecer e aplicar múltiplas formulações

de agência para a compreensão das vivências individuais destas. Concomitantemente, será proposto que as mulheres veladas podem manifestar diversos tipos de agência ao longo de um contínuo de tempo.

O trabalho se baseará em formulações presentes na literatura existente sobre a agência de mulheres religiosas por meio de análise das escolhas em relação ao véu pela personagem Kadife do livro *Neve*, de Orhan Pamuk. Especificamente, as abordagens a serem exploradas e aplicadas ao caso serão as de *agência como resistência*, *agência instrumental*, *agência como empoderamento* e *agência como conformidade religiosa*, propostas por Kelsy Burke (2012) a partir da sintetização de diferentes formulações de agência sugeridas por outras pesquisas. É essencial ressaltar que as três primeiras abordagens adotadas obedecem, em maior ou menor medida, à lógica que sugere a necessidade de se considerar expressões de resistência às estruturas para que sejam identificadas manifestações de agência. Por esse meio, o trabalho visa reforçar a afirmação de que mulheres não manifestam apenas um tipo de agência em suas expressões religiosas.

1.1. AGÊNCIA COMO RESISTÊNCIA

Em oposição à dicotomia entre subordinação e falsa consciência, que nega a agência de mulheres religiosas, teóricos pós-coloniais desenvolvem um novo entendimento de agência feminina. Buscando tornar visível a capacidade de agência de um grupo outrora tido como não agente, o feminismo pós-colonial reconhece agência nos atos de resistência e de subversão manifestados pelas mulheres (BILGE, 2010, p. 18). Essa construção visa reorientar a discussão teórica de agência, diminuindo o foco sobre questões de autonomia individual e trazendo à tona questões relacionais de poder que condicionam as diversas modalidades de agência possíveis (McNAY, 2016, p. 43-44).

A concepção de agência como resistência está presente nas Ciências Sociais e nos estudos feministas desde os anos 1970 e foi posteriormente aplicada em análises da agência de mulheres religiosas. No cerne dessa compreensão da agência humana como resistência a estruturas de subordinação está o questionamento feminista acerca das capacidades das mulheres de resistir à ordem patriarcal dominante e de subverter os significados hegemônicos de práticas culturais em favor de seus próprios interesses (MAHMOOD, 2005, p. 6). Essa visão propõe analisar a agência enquanto resistência como uma prática que é, ao mesmo tempo, possibilitada e significada por meio da existência de constrangimentos sociais; em outras palavras, as normas e práticas impostas aos indivíduos pelo contexto social permitem

um espaço de indeterminação no qual se torna possível a materialização de atos de resistência a conjuntos normativos. Assim, a agência manifestada pelas mulheres em sinal de resistência a restrições de gênero é possibilitada e materializada internamente à estrutura de poder que dita tais normas (McNAY, 2016, p. 44).

A aplicação do modelo de agência como resistência em contextos não ocidentais, em especial no Oriente Médio, permite a expansão de debates de gênero para além das questões tradicionalmente debatidas de submissão e patriarcado. Para a análise pretendida no presente trabalho, centrada nas mulheres árabes e muçulmanas, esse modelo possibilita superar as representações recorrentes das mesmas como passivas e submissas, reconhecendo-as, pela primeira vez, como agentes ativas⁷ (MAHMOOD, 2005, p. 6) que interagem com a estrutura, mesmo que essa seja restritiva.

A modalidade de agência como resistência adotada pelo presente trabalho identifica como imbuídas de agência as manifestações de subversão relativas à própria religião enquanto estrutura que dita normas e instituições. É argumentado que o envolvimento de mulheres com religiões que prescrevem papéis tradicionais de gênero permite identificar uma modalidade de agência relacionada à não aceitação passiva da doutrina religiosa. A subversão ou resistência à religião decorrente da não conformidade ao conjunto normativo que ela denota se daria quando mulheres desafiam ou buscam desafiar crenças e práticas religiosas opressivas, em maior ou menor medida (BURKE, 2012, p. 124-125).

A resistência manifestada por mulheres em relação às normas nas quais se inserem não inclui somente a rejeição total às crenças e costumes, mas também a observância parcial a elas e pequenos desvios⁸ em relação às tradições religiosas. A não conformidade seria evidenciada, portanto, na maneira com que as mulheres agem sobre os dogmas religiosos, escolhendo adaptá-los ou resistindo a eles de acordo com suas realidades e interpretações individuais (AVISHAI, 2008, p. 411; BURKE, 2012, p. 125). As manifestações de subversão podem ser consideradas como uma resistência sutil na medida em que podem indicar uma busca por melhorias no *status quo* das mulheres em religiões tradicionais de formas pragmáticas, evitando, no entanto, confrontar diretamente as barreiras de gênero presentes

⁷ O primeiro reconhecimento de agência de mulheres que aderem a outras religiões tradicionais se dá também por meio da modalidade de resistência. Orit Avishai (2008), em estudo sobre a agência de mulheres judias ortodoxas praticantes do ritual religioso do *niddah*, nota que a agência como resistência é uma das principais respostas às representações de mulheres religiosas como desprovidas de agência (“*doormats argument*”).

⁸ Burke (2012, p. 125) cita alguns exemplos de observância parcial e pequenos desvios à doutrina tradicional. Em relação ao Islã, a autora aponta como resistência a insubordinação de mulheres islâmicas aos aspectos da religião que definem papéis tradicionais de gênero, como a proibição do divórcio. Outro desvio em relação à doutrina no qual seria possível identificar agência como resistência seria a recusa de mulheres em utilizar o *hijab*.

nessas tradições dogmáticas (ISRAEL-COHEN, 2012, p. 5). Esse entendimento irá compor a abordagem de *agência como resistência* à religião que será adotada no presente trabalho e posteriormente aplicada à personagem Kadife do livro *Neve*.

1.2. OUTRAS ABORDAGENS A PARTIR DA LÓGICA DA RESISTÊNCIA: INSTRUMENTAL E EMPODERAMENTO

1.2.1. Agência instrumental

A segunda modalidade de agência abordada no trabalho é a de *agência instrumental*, proposta por Kelsy Burke (2012, p. 126-127), segundo a qual as mulheres aderem às normas religiosas como forma de resistir a estruturas que consideram opressivas, obtendo benefícios extra religiosos mediante a manifestação de hábitos relacionados à religião. Essa abordagem sugere, portanto, que a religião pode ser adotada como um meio para atingir objetivos que não são relacionados com a fé em si. Para a construção dessa modalidade de agência, Burke parte da formulação de Orit Avishai (2008, p. 410-412) que trata, em termos semelhantes, desse tipo de manifestação de agência, denominando-a *conformidade estratégica (strategic compliance)*. De acordo com Avishai, a manifestação estratégica de tradições e práticas religiosas é utilizada pelas mulheres como meio de atender às demandas da vida moderna. Kelsy Burke ressalta, ainda, que as vantagens obtidas na participação religiosa podem ser materiais ou relacionais. As vantagens materiais compreenderiam, por exemplo, oportunidades de emprego e educação. As vantagens relacionais correspondem aos ganhos das mulheres em suas relações pessoais através da instrumentalização da religião. Vantagens, seja em relações maritais e familiares, seja em amizades ou no convívio com colegas de trabalho são exemplos de benefícios que podem ser obtidos (BURKE, 2012, p. 127).

A modalidade de agência instrumental obedece, de certa forma, à lógica da agência enquanto resistência, na medida em que se observa a existência de agência na subversão de mulheres em relação a estruturas e normas sociais alheias à religião por meio da manifestação estratégica de costumes religiosos. De acordo com esse entendimento, seria possível identificar o uso do véu como um ato subversivo dotado de agência, através do qual as mulheres islâmicas resistem a elementos como o imperialismo ocidental, o secularismo, o capitalismo e a objetificação do corpo feminino por meio da instrumentalização do uso desse adereço religioso. Nesse entendimento, o véu consiste em um símbolo de contestação, um marcador voluntário de diferença e autenticidade (BILGE, 2010, p. 20).

1.2.2. Agência como empoderamento

A terceira modalidade a ser aplicada nesta pesquisa é a de *agência como empoderamento*, que postula que as mulheres aderem à religião como forma de se empoderarem em aspectos diversos de suas vidas, inclusive dentro do próprio contexto religioso. Figura dentre as principais características o sentimento pessoal positivo que as mulheres podem obter por meio de sua ação sobre a religião e em oposição a estruturas que consideram restritivas. É fundamental para essa abordagem a compreensão de que as mulheres, ainda que identifiquem aspectos da sua religião como constrangedores, encontram meios de se empoderar através da expressão religiosa (BURKE, 2012, p. 125-126).

A livre interpretação da religião islâmica pelas mulheres pode ser considerada uma expressão de resistência aos elementos que consideram opressivos, lhes conferindo empoderamento dentro do contexto religioso. A liberdade de escolher usar ou não o véu, de acordo com uma interpretação individual da fé é central para o feminismo islâmico. Essa liberdade de escolha representa o direito soberano de homens e mulheres à liberdade e à autodeterminação (AFSHAR, 2008, p. 421). Por conseguinte, ao se engajarem em uma interpretação do islamismo, definindo seus direitos de forma autônoma, as mulheres muçulmanas manifestam resistência às construções ocidentais e patriarcais que as retratam como submissas, oprimidas e subjugadas pela religião (AFSHAR, 2008, p. 424).

Portanto, o véu não somente é considerado símbolo de diferenciação em relação ao Ocidente, como também se relaciona ao empoderamento feminino, possibilitado pelo comprometimento com a ideologia do islamismo, em oposição ao Ocidente supostamente homogêneo e secular. De tal forma, o uso véu islâmico pode ser visto como uma das principais expressões desse empoderamento frente aos valores ocidentais e à objetificação do corpo feminino (MERNISSI, 1996, p. 164 apud SALIME, 2008, p. 210).

É importante destacar que essa abordagem não diz respeito somente à subversão em relação às normas seculares e ocidentais; inclui, também, a resistência a estruturas de dominação patriarcais (MAHMOOD, 2005, p. 10). O empoderamento que pode ser obtido através da interpretação do Islã reivindicada pelas feministas islâmicas permite que as mulheres desvencilhem noções de poder e autoridade do domínio exclusivamente masculino (AFSHAR, 2008, p. 423). Nesse sentido, acredita-se que o uso do véu permite às mulheres islâmicas libertarem-se, ao menos parcialmente, do controle exercido por homens no espaço social (SLYOMOVICS, 1996, p. 211-220 apud SALIME, 2008, p. 210).

Nesse sentido, o reconhecimento da subversão das mulheres muçulmanas às normas seculares e ocidentais, presentes nas modalidades de agência descritas, relaciona-se com as críticas ao Orientalismo⁹, que pode ser observado nos discursos que caracterizam este grupo de mulheres como indivíduos desprovidos de agência. É possível identificar o entendimento do véu como símbolo de opressão e de subordinação das mulheres islâmicas enquanto discurso Orientalista que as projeta como “Outro” inferior às mulheres ocidentais (AFSHAR, 2008, p. 412-413). Por meio das abordagens instrumental e como empoderamento, as mulheres islâmicas desafiam as construções Orientalistas e patriarcais, que as percebem como subordinadas, e manifestam sua agência, seja resistindo às estruturas por meio da instrumentalização da religião, seja subvertendo aspectos da estrutura religiosa por meio da livre interpretação da doutrina religiosa.

1.3. AGÊNCIA COMO CONFORMIDADE

As três modalidades de agência calcadas na lógica da resistência, anteriormente apresentadas, são criticadas por não reconhecerem plenamente as motivações exclusivamente religiosas que levam alguém a aderir a determinadas tradições; mantêm, assim, uma lacuna que deve ser preenchida nos estudos de agência (BILGE, 2010, p. 21). Ainda que essas abordagens representem um avanço em relação ao não reconhecimento de agência na opção pelo uso do véu islâmico, considera-se que elas não se distanciam completamente da dicotomia entre subordinação e falsa consciência, uma vez que não se desvinculam do entendimento de agência como a capacidade de oposição individual a costumes, tradições e outros obstáculos. Em suma, o desejo de autonomia manteve-se central para as abordagens de agência que seguem a lógica da resistência (MAHMOOD, 2005, p. 8). Assim, o entendimento de agência como resistência omite as dimensões da ação humana que não se enquadram na lógica dicotômica de repressão e resistência, ignorando projetos, discursos e desejos que fogem a esses termos (MAHMOOD, 2005, p. 14-15).

Desse contexto, surgiram novas propostas teóricas que objetivavam contribuir para um entendimento do conceito de agência que considere as motivações exclusivamente religiosas dos indivíduos, levando em consideração o desejo dos indivíduos de submeterem-se a uma autoridade divina (cf. MAHMOOD, 2005, p. 15) ou de pertencerem a uma determinada

⁹ De acordo com Edward Said (1978), o Orientalismo consiste em um discurso Ocidental que descreve o Oriente projetando-o como o “Outro” em oposição à cultura ocidental. O autor considera que esse tipo de discurso fortalece a cultura europeia por meio da desvalorização daquilo que é oriental. Por meio desses discursos, o Ocidente construiu um imaginário do Oriente, mantendo sua dominação e autoridade sobre este.

comunidade. A proposição de uma abordagem de agência nesses moldes visa analisar as vivências de mulheres religiosas para as quais as demais abordagens não se encaixam adequadamente.

Com o objetivo de superar essa lacuna e de enriquecer os estudos sobre a agência de mulheres religiosas, Saba Mahmood (2005, p. 14-16) propõe uma concepção de agência que considere ações que não obedeçam à supracitada dicotomia, possibilitando o reconhecimento de demonstrações de aparente passividade e submissão. A identificação de agência nesses atos requer uma compreensão interna dos discursos e estruturas de subordinação que permitem essas manifestações de agência. Portanto, Mahmood (2005, p. 15) propõe que a capacidade de agência não somente pode ser observada nos atos que denotam resistência às normas, mas também nas múltiplas formas com que um indivíduo se insere em um determinado conjunto normativo.

Fundamentado nesse argumento, surgem diversas propostas cujo sustentáculo é o reconhecimento de agência no desejo das mulheres em submeterem-se aos preceitos religiosos. Essas propostas constituem a abordagem de *agência como conformidade*¹⁰, para a qual é considerado que as mulheres religiosas exibem agência por meio das formas que escolhem se conformar aos ensinamentos religiosos (BURKE, 2012, p. 127-128). Essa abordagem objetiva desafiar as representações de mulheres que manifestam hábitos religiosos como subalternas (MAHMOOD, 2005, p. 154). Bracke (2003, p. 337) aponta, ainda, que reconhecer esse tipo de agência torna possível efetivamente romper com a noção de falsa consciência.

1.4. VANTAGENS E LIMITAÇÕES DAS ABORDAGENS

Uma das vantagens dos estudos de agência e religião decorre do fato de que permitem problematizar o entendimento do conceito visto no feminismo liberal que tende a limitar o reconhecimento de formas de agência não tradicionais em contextos não ocidentais. Ademais, Sarah Bracke (2003, p. 336) ressalta a importância da preocupação com o conceito de agência para avanços nos estudos culturais, feministas e étnicos. Além disso, Orit Avishai, Lynne Gerber e Jennifer Randles (2008, p. 395) apontam que estudos feministas, em geral, devem notar que perspectivas e teorias feministas podem limitar a habilidade das pesquisadoras em compreender práticas de gênero que vão de encontro às premissas de

¹⁰ Traduzido da expressão original *compliant agency*, proposta por Kelsy Burke (2012, p. 127)

empoderamento e emancipação. Neste trabalho, as formulações de *agência como resistência, instrumental, empoderamento e conformidade* visam estender a compreensão da agência de mulheres a fenômenos nos quais o feminismo tradicionalmente não enxergaria capacidade de agência.

É necessário, também, reconhecer a presença de limitações nas abordagens de agência escolhidas para a condução do trabalho. No que tange à construção de agência como resistência, além das críticas tecidas por Saba Mahmood (2005) e Sirma Bilge (2010), que defendem um entendimento de agência inclusivo das mulheres que desejam submeter-se religiosamente, outros questionamentos são estendidos ao propósito dessa abordagem. Lois McNay (2016, p. 46) vê problemas na maneira em que a agência como resistência é construída, pois muitas vezes não se clarifica de forma adequada o objeto que é resistido e tampouco os efeitos políticos que podem surgir a partir das ações de subversão. Como forma de mitigar essa limitação, o presente trabalho delimita a estrutura em relação a qual a personagem Kadife manifesta sua agência, como será visto no segundo e terceiro capítulos.

Graças aos avanços nos estudos sobre agência, tornou-se usual, dentro do feminismo pós-colonial, assumir que as mulheres religiosas apresentam agência, de uma ou outra forma. No entanto, essa hipótese pode levar à suposição problemática de que todas as ações praticadas por mulheres religiosas são manifestações imbuídas de agência. Falta na literatura uma definição aprofundada de não agência, com o objetivo de evitar o enfraquecimento da definição de agência para mulheres religiosas (BURKE, 2012, p.129-130). Como forma de minimizar essa limitação conceitual, este trabalho busca localizar manifestações de agência específicas a momentos pontuais da narrativa da personagem Kadife, sustentando cada uma das modalidades de agência de forma adequada, destacando para todas elas a estrutura com que a personagem interage. Essa interação possibilita e caracteriza cada uma das tipologias de agência que serão aplicadas.

Uma possível limitação da abordagem de agência como submissão religiosa é, justamente, o não reconhecimento da não agência em determinadas ações. É necessário considerar que determinadas instituições religiosas, ao atribuírem padrões de gênero, restringem as ações praticadas pelas mulheres (BURKE, 2012, p. 129) e podem levar a eliminação de um espaço de atuação das mesmas. Ao focar somente no que estas podem fazer, ou seja, em sua agência, e não nas limitações a elas impostas, pode-se inadvertidamente legitimar o aspecto opressivo da religião em nome de uma liberdade de expressão cultural ou política (WINTER, 2001, p. 22-25). A fim de não incorrer em uma generalização excessiva do conceito de agência, o trabalho partirá do reconhecimento de que as religiões que

subscvem papéis tradicionais de gênero podem ser opressivas e limitantes das ações das mulheres, e, no caso escolhido, que o islamismo pode, portanto, gerar constrangimentos à agência feminina.

1.5. APLICAÇÃO DO MARCO TEÓRICO

Como forma de mitigar as limitações e indeterminações individuais de cada uma das modalidades de agência escolhidas, o trabalho irá aplicá-las de forma combinada, evidenciando a presença delas nas experiências da personagem Kadife. Essa proposta será conduzida primando pelo reconhecimento de uma agência de mulheres religiosas que não se apresenta de uma forma única e intuitiva, e sim manifestando diferentes facetas, em diferentes atos e em momentos distintos para um mesmo indivíduo.

A análise proposta será conduzida através da aplicação das tipologias de Kelsy Burke (2012) às manifestações de agência da personagem Kadife do livro de Pamuk. Por meio da trajetória da personagem enquanto mulher islâmica, a agência em torno do uso do véu será o principal objeto de análise do trabalho. Na análise que sucede nos próximos capítulos, identificar-se-ão as quatro abordagens de agência nas ações de Kadife, com base no que a própria reconhece e relata como motivações para o uso do véu e no contexto social de suas escolhas. Serão identificadas as abordagens de *agência como resistência*; *agência instrumental*, *agência como empoderamento* e *agência como conformidade*, tal como sintetizado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Abordagens de agência a serem aplicadas à personagem Kadife

(continua)

Modalidades de Agência	Características Principais¹¹	Possíveis manifestações
Resistência	A religião figura como a estrutura normativa em relação à qual se manifesta resistência.	<ul style="list-style-type: none"> • Não aceitação passiva da religião (BURKE, 2012, p. 124-125); • Insubordinação total ou parcial às tradições religiosas (BURKE, 2012, p. 125);

¹¹ As modalidades de agência propostas na Tabela 1, bem como as características principais nela elencadas são extraídas do artigo “*Women’s agency in gender-traditional religions: A review of four approaches*” de Kelsy Burke (2012)

(conclusão)

Modalidades de Agência	Características Principais	Possíveis manifestações
Resistência	A religião figura como a estrutura normativa em relação à qual se manifesta resistência.	<ul style="list-style-type: none"> • Ação sobre os dogmas, através de adaptação ou resistência (AVISHAI, 2008, p. 411).
Instrumental	A adesão a costumes religiosos é estratégica, de forma a possibilitar a resistência a estruturas normativas externas à religião.	<ul style="list-style-type: none"> • Obtenção de vantagens extra religiosas através da manifestação de hábitos relacionados à religião (BURKE, 2012, p. 126-127; AVISHAI, 2008, p. 411); • Manifestações religiosas como símbolos de diferenciação em relação ao “outro” secular (BILGE, 2010, p. 20); • Uso da religião como insubordinação a estruturas patriarcais (AFSHAR, 2008, p. 423).
Empoderamento	Adesão à religião como forma de empoderamento frente a estruturas diversas, incluindo aspectos da própria religião. Mudança da resposta do indivíduo em relação a aspectos que considera opressivos na estrutura.	<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres utilizam a religião para se empoderarem em suas vidas diárias e em relação com a religião (BURKE, 2012, p. 125-126); • Busca pela liberdade interpretativa na religião como forma de resistir à construção da mulher religiosa como submissa e oprimida (AFSHAR, 2008, p. 424);
Conformidade	Agência se manifesta nas múltiplas formas com um indivíduo se insere no conjunto normativo da religião, denotando a escolha individual em se conformar a tais normas. A transformação do <i>self</i> do indivíduo é central.	<ul style="list-style-type: none"> • Satisfação e realização individuais construídas a partir das múltiplas formas de inserção na estrutura normativa da religião (MAHMOOD, 2005, p. 15). • Construção do <i>self</i> enquanto sujeito religioso (AVISHAI, 2008, p. 412-413).

Fonte: A autora (2016) com base em Burke (2012)

CAPÍTULO 2 – KADIFE: AGÊNCIA COMO RESISTÊNCIA, INSTRUMENTAL E COMO EMPODERAMENTO

No presente capítulo, as modalidades de *agência como resistência*, *agência instrumental* e *agência como empoderamento* serão aplicadas ao livro *Neve* de Orhan Pamuk. Essas tipologias foram agrupadas em um único capítulo tendo em vista que as três obedecem, em maior ou menor medida, à lógica da resistência. A aplicação se dará através da localização de expressões de agência, segundo as modalidades propostas, nas experiências da personagem Kadife e em sua relação pessoal com o uso do véu islâmico. O uso do véu enquanto objeto central para a análise das diferentes expressões de agência da personagem é importante não somente para assimilar a agência de mulheres muçulmanas praticantes na Turquia, mas também para a compreensão da agência de mulheres islâmicas em contextos mais amplos.

Para a análise adequada das manifestações de agência da personagem Kadife é importante compreender os possíveis significados de resistência que o véu islâmico pode carregar, bem como a relevância desses no contexto secular da Turquia. Fadwa El Guindi (1999, p. 143) afirma que a relação do véu com resistência não é um fenômeno novo, possuindo precedentes recorrentes na história do Oriente Médio. A resistência ao uso do *hijab* ou a defesa do mesmo enquanto adereço ou enquanto símbolo de um conjunto de normas foram responsáveis por uma discussão sobre os temas de gênero, ideais islâmicos, sociedades árabes e libertação feminina (EL GUINDI, 1999, p. 184). Valendo-se desse debate, procurar-se-á tratar da dimensão simbólica e intangível do véu islâmico, analisando-o enquanto marcador das diferentes manifestações de agência da personagem ao longo da trama.

No que tange ao significado do véu no contexto turco contemporâneo em que se passa a narrativa de Pamuk, John Norton (1997, p. 149) ressalta a importância da análise de vestes religiosas na Turquia. Segundo o autor, é possível inferir se um indivíduo desafia ou se aceita os preceitos seculares de Kemal Atatürk¹² a partir da análise das vestimentas adotadas. Dessa forma, o autor afirma que as vestimentas religiosas, a exemplo do *hijab*, podem ser consideradas como marcadores de diferença, de devoção religiosa e de desafio em relação ao secularismo turco.

Para a aplicação dos tipos de agência propostos, é fundamental analisar as

¹² Mustafa Kemal Atatürk foi o responsável pela proclamação da República da Turquia em 1923, sendo seu primeiro presidente. Dando continuidade ao movimento de modernização iniciado no fim do século XVIII por reformistas otomanos, Atatürk conduziu reformas radicais para o estabelecimento de uma nação secular (TOK, 2009, p.115-116). De suas doutrinas, surge a ideologia do Kemalismo, que promove o secularismo, o nacionalismo, o desenvolvimento econômico e ocidentalização como as bases ideológicas da República Turca moderna (SHIVELY, 2008, p. 684).

manifestações de agência da personagem de forma relacional às estruturas de poder nas quais ela se desenvolve e com as quais ela interage (cf. McNAY, 2016, p. 39), considerando, ainda, que a agência não é praticada em um vácuo, e sim efetuada em um contexto social específico (LEMING, 2007, p. 74; KORTEWEG, 2008, p. 437). Portanto, na aplicação das abordagens de agência propostas à narrativa da personagem Kadife, serão ressaltadas as estruturas normativas e constrangimentos derivados do cenário social em relação aos quais ela manifesta sua agência como resistência, instrumental e como empoderamento.

2.1. AGÊNCIA DE KADIFE COMO *RESISTÊNCIA*

A primeira expressão de agência de Kadife no livro é de *resistência* em relação à religião. De família atea, a personagem não havia desenvolvido laços com a religião islâmica ou interesse pelo uso do *hijab* até mudar-se para a cidade de Kars. Lá, Kadife toma conhecimento de um grupo de jovens muçulmanas que utilizavam o véu enquanto adereço religioso. Em uma conversa com Ka, personagem principal do livro, Kadife lhe relata que decidiu encontrar-se pela primeira vez com esse grupo de jovens religiosas por curiosidade e, também, com a intenção de ridicularizar a opção delas pelo uso do véu. Por meio do relato da personagem, é possível localizar uma expressão de agência como resistência à religião na medida em que se identifica o conjunto normativo do Islã, incluindo o uso do *hijab*, como a estrutura que a ela resiste.

A agência expressada por Kadife, ao menosprezar o uso do véu pelo grupo de jovens de Kars, coaduna com a definição de *agência como resistência* de Kelsy Burke (2012, p. 124-125). Segundo a autora, a agência de um indivíduo é mais visível quando esse resiste ao *status quo*. Kadife, ao se mudar para uma nova cidade e observar o comportamento de mulheres muçulmanas que utilizavam o véu, opta por resistir ao *status quo* apresentado nesse contexto social, questionando o hábito das jovens que, por meio do véu, aderiam à estrutura normativa do Islã. Além disso, a agência como resistência postulada por Burke denota uma resistência total ou parcial às estruturas normativas da religião. Aplicando essa formulação ao caso de Kadife, identifica-se que a mesma manifesta sua agência ao resistir de forma total à religião islâmica e à sua manifestação por meio do *hijab*.

É importante ressaltar que o tipo de agência manifestado na resistência de Kadife à religião é, para interpretações ocidentais tradicionais, a única forma de agência identificável em mulheres em tais contextos, não havendo o reconhecimento de manifestações de agência

instrumental, como empoderamento ou como conformidade à religião (BURKE, 2012, p. 125). Esse tipo de entendimento de agência reforça estereótipos orientalistas do Islã como uma religião imutável, monolítica e rígida (cf. BERNAL, 1994, p. 37).

Este é o caso não somente para a interpretação da agência de mulheres que, como Kadife, não se autoproclamam como muçulmanas, mas também para aquelas que se identificam como religiosas. Anna Korteweg (2008), em um estudo sobre mulheres muçulmanas em Ontário, no Canadá, realizou uma análise de artigos de jornal sobre o tema da institucionalização de tribunais de arbitragem baseados na lei islâmica. O principal ponto controverso em torno da temática era a crença de parte considerável da população de que tribunais de arbitragem baseados na *Sharia* seriam prejudiciais para as mulheres muçulmanas e para a igualdade de gênero. A análise conclui que, em grande parte, somente as mulheres muçulmanas que resistiam às leis do islamismo e que consideravam que a religião limitava a capacidade de agência delas eram reconhecidas como agentes por essa população ocidental (KORTEWEG, 2008, p. 442-444). Traçando um paralelo com Kadife, a personagem reproduz um entendimento da religião como constrangimento para as mulheres ao posicionar-se veementemente contra o uso do véu, a ponto de pretender ridicularizar as jovens veladas de Kars.

2.2. RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO VÉU: A AGÊNCIA INSTRUMENTAL DE KADIFE

A segunda abordagem de agência manifestada por Kadife na narrativa é a de *agência instrumental*. Após relatar a Ka qual era sua visão sobre as jovens de Kars que se velavam, Kadife lhe descreve as motivações que a levaram a utilizar o véu¹³:

‘Quanto a mim’, continuou Kadife, ‘eu enverguei o manto um dia para marcar uma posição política. Fiz isso para me divertir, mas ao mesmo tempo aquilo era assustador. Talvez por lembrar que eu era filha de um homem que fora inimigo do Estado desde sempre. Tenho absoluta certeza de que pretendia usar o manto apenas por um dia; foi um daqueles gestos revolucionários de que a gente ri anos depois, quando lembra os bons velhos tempos em que fazia política [...]’ (PAMUK, 2006, p. 136).

Por intermédio da análise desta fala da personagem, é possível inferir que Kadife apresenta sua agência por meio da resistência ao Estado turco enquanto estrutura normativa. Por exercer sua resistência através da adoção instrumental do véu islâmico como forma estratégica de subverter as normas seculares da Turquia, sua agência se enquadra na abordagem de *agência instrumental*.

¹³ Todos os relatos que a personagem faz a Ka ocorrem em um momento do livro na qual Kadife já utiliza o *hijab*. A personagem narra, portanto, experiências passadas.

Considerando a importância da estrutura para a manifestação de agência, faz-se necessário detalhar a Turquia secular enquanto a estrutura que Kadife busca desafiar. Com o surgimento da República Turca em 1923, houve no país uma nova construção de identidades e de cultura políticas. O projeto de modernização liderado por Atatürk visava a construção de uma modernidade feita à imagem da Europa. As leis religiosas eram consideradas como obstáculos para a concretização desse projeto, pois se opunham aos ideais de liberalismo e individualismo da cultura Ocidental. Nesse contexto de ocidentalização, a lei islâmica foi abolida e foram garantidos às mulheres direitos iguais aos concedidos aos homens, como parte do projeto para a constituição de um Estado secular (ARAT, 1998, p. 118-119).

Contudo, o secularismo turco não significava somente a separação entre Estado e religião, mas também o controle estatal sobre a prática religiosa¹⁴. Parte desse controle era exercido pela proibição ao uso do véu islâmico em instituições públicas, incluindo escolas e o serviço público. Nesses ambientes, as mulheres que adotavam o véu se destacavam das demais de forma negativa e pejorativa; eram percebidas, portanto, não só como diferentes, mas também como uma ameaça à ordem existente, já que desafiavam o ordenamento secular por intermédio de suas expressões religiosas. Assim, quaisquer fossem as motivações para o uso do véu – pessoais ou em sinal de solidariedade ao grupo religioso – o ato de portar o *hijab* era visto como tentativa de individualização e de resistência política frente ao restante da sociedade (ARAT, 1998, p. 123-126). Apesar da intenção do Estado de atingir maior igualdade de gênero por meio do controle da religião, a proibição do véu, ao excluir as mulheres veladas da plena inserção na esfera pública, limitou o alcance da democracia (ARAT, 1998, p. 129). Constituiu-se, assim, uma estrutura de constrangimentos restritiva para essas mulheres.

Tendo conhecimento que o uso do véu em instituições públicas era considerado um desafio ao Estado secular e uma perturbação à ordem vigente, Kadife atuou de forma subversiva e estratégica, usando o *hijab* em favor de sua posição política. A interação de Kadife com a estrutura sugere, portanto, a manifestação de uma *agência instrumental*, na qual a adesão a costumes religiosos figura como um meio de alcançar finalidades alheias à religião (BURKE, 2012, p. 126-127). Nesse sentido, é possível localizar uma subversão à estrutura pela ótica da *conformidade estratégica*. Esse conceito, apresentado por Orit Avishai¹⁵ (2008,

¹⁴ Fadwa El Guindi (1999) aborda a questão da interferência estatal no uso de vestimentas de conotação religiosa, com ênfase particular para o véu, sublinhando a prática de controle do Estado sobre vestes religiosas no Egito e, em menor destaque, na Turquia e no Irã.

¹⁵ É importante ressaltar que Kelsy Burke (2012) sintetiza as modalidades de agência adotadas neste trabalho a partir do trabalho de Orit Avishai (2008).

p. 411), postula que as mulheres religiosas manifestam um comportamento estratégico, apropriando-se da prática religiosa para alcançar objetivos extra religiosos. São exemplos desses objetivos: oportunidades econômicas, relações domésticas, ideologias políticas e associação cultural. Essa forma de agência baseia-se, portanto, no uso estratégico de tradições e práticas religiosas como meio de alcançar as demandas da vida contemporânea. Dado que Kadife afirma que começou a utilizar o véu islâmico como forma de marcar uma posição política, é razoável presumir que ela se apropria do véu enquanto símbolo do islamismo, conformando-se estrategicamente à prática religiosa como forma de resistir à estrutura secular a que estava submetida.

Essa forma de subversão apresentada pela personagem pode ser considerada uma modalidade de agência, na medida em que denota uma escolha política em que ela se manifesta publicamente como muçulmana em um contexto de possível percepção negativa de sua religião (AFSHAR, AITKEN, FRANKS, 2005, p. 262). Nesse sentido, Fadwa Al Guindi (1999, p. 175-176) afirma que, no Oriente islâmico em geral, a forma atual de uso do *hijab* é um fenômeno majoritariamente urbano; mulheres com acesso à educação e trabalho o utilizam como símbolo de oposição ao Ocidente. Considerando a intenção política subjacente à adoção do véu por Kadife, conclui-se que a personagem tem conhecimento do simbolismo antiocidental do véu e do impacto da sua instrumentalização¹⁶ em oposição a um Estado construído visando a semelhança ao secularismo do Ocidente.

2.3. RESISTÊNCIA AO ASPECTO PATRIARCAL DA RELIGIÃO: A AGÊNCIA COMO EMPODERAMENTO DE KADIFE

Kadife, já usando o véu islâmico e tendo construído sua identidade individual através de seu reconhecimento de si como mulher muçulmana, defende para Ka sua liberdade de interpretação da religião. No mesmo encontro que relata a Ka como, no passado, começou a utilizar o véu, os personagens discutem os casos de suicídios de jovens veladas em Kars. Nesse ponto da trama, Kadife havia se tornado líder do grupo de jovens que utilizavam o *hijab* e, como tal, tinha amplo conhecimento da repercussão do suicídio de uma de suas amigas, Teslime. Esta pôs fim à sua vida por ser pressionada a abandonar o véu, tanto na escola em que estudava, quanto na sua própria família. Discutindo o caso de Teslime, Ka

¹⁶ Kelsy Burke (2012) ressalta as vantagens externas do envolvimento religioso instrumental, dividindo-as em *materiais* (relacionadas a oportunidades de emprego e educação) e *relacionais* (vantagens nas relações interpessoais com família, amigos, colegas de trabalho).

sugere que a mesma cometeu uma blasfêmia ao suicidar-se. Kadife concorda que o suicídio é um pecado para a religião islâmica e cita o trecho do Corão que condena a prática. Entretanto, a personagem defende que, apesar do pecado de Teslime, ela e as outras jovens não deixaram de amá-la. Ressaltando que o Corão reflete as ordens de Deus, Kadife defendeu que, apesar disso, Ka não deveria supor que a sua religião não deixa margem à discussão. Kadife, portanto, reinterpreta a doutrina religiosa ao sugerir que possui compaixão pela escolha de sua amiga que, desejando manter-se religiosa e resistir ao secularismo que lhe era imposto, opta pelo suicídio como último recurso para não perder sua identidade religiosa.

Ao analisar a defesa de Kadife pela liberdade individual de interpretação do Islã, é possível relacionar a fala da personagem com a busca por empoderamento dentro da própria religião, resistindo, por intermédio da interpretação dos dogmas, ao aspecto patriarcal do islamismo que não permite às mulheres a mesma liberdade de ação sobre a religião que confere aos homens. Assim, é possível identificar na fala da personagem uma *agência como empoderamento*, em que ela utiliza a interpretação da religião como forma de se empoderar (cf. BURKE, 2012, p. 125-126), desafiando a natureza patriarcal do islamismo.

Assim, identifica-se que, para essa modalidade de agência, as mulheres não aderem cegamente aos princípios religiosos; ao contrário, a interpretação das doutrinas possibilita um empoderamento da personagem no escopo da religião. Adaptando a sua crença às suas realidades, as mulheres podem subverter os dogmas religiosos tradicionais por meio das *interpretações individuais* (AVISHAI, 2008, p. 411). Ao considerar que as leis religiosas podem ser discutidas, Kadife desafia sua estrutura normativa patriarcal através da sua interpretação pessoal do islã. Laura Leming (2007, p. 73-74) argumenta que muitos indivíduos demonstram intenção em manterem-se engajados com expressões institucionais da religião, mesmo quando se espera que eles se desvinculem devido a insatisfações individuais. Kadife mantém seu vínculo ao islamismo e ao uso do véu enquanto expressão religiosa ainda que defenda a liberdade de interpretação dos dogmas islâmicos em oposição a um aspecto da religião que lhe desagrada.

Além disso, a dimensão do empoderamento obtido por meio da interpretação religiosa é central para essa abordagem de agência aplicada a Kadife. De acordo com a formulação de *agência como empoderamento* proposta por Kelsy Burke (2012, p. 125-126), esse modelo de agência não requer que as mulheres religiosas desafiem crenças ou práticas religiosas e sim implica que elas mudem suas respostas em relação às normas que consideram restritivas. Trata-se, portanto, das formas com que as mulheres utilizam a religião para se empoderarem dentro dela, focando principalmente em como a religião faz essas mulheres se

sentirem. No presente trabalho, considera-se que a agência como empoderamento por meio da interpretação religiosa obedece, em certa medida, à lógica da resistência, tendo em vista que a interpretação dos dogmas é a forma de subversão à estrutura patriarcal do Islã e que, a partir dessa interação, as mulheres alcançam o empoderamento no contexto religioso.

Esse tipo de agência manifestada através do empoderamento na religião é central para o chamado Feminismo Islâmico. Essa corrente ideológica considera que o Feminismo Ocidental não pode ser adequadamente aplicado às mulheres muçulmanas, tendo em vista que seus ideais são baseados em experiências e valores ocidentais, alheios ao islamismo. Assim, o Feminismo Islâmico, por possuir suas premissas relacionadas à religião, é considerado ferramenta intelectual eficiente para compreender de que maneira mulheres muçulmanas conseguem se sentir empoderadas e libertas sem que desafiem a cultura em que vivem. Um dos objetivos principais do pensamento feminista islâmico é, portanto, dispor meios para que as mulheres tenham maior acesso ao conhecimento da doutrina islâmica (EL GUINDI, 1999, 182-184), permitindo que, assim, estejam mais aptas a fazer suas escolhas pessoais. Pode-se dizer que a ausência das mulheres no processo tradicional de interpretação da religião resultou em normas formuladas por homens, que se tornaram prejudiciais para as mulheres e seus interesses (AFSHAR, 2008, p. 422). Por conseguinte, conclui-se que as mulheres muçulmanas resistem à estrutura patriarcal - uma vez que essa restringe aos homens a formulação da doutrina - por meio da livre interpretação das normas religiosas, fato que lhes confere empoderamento dentro da religião. A personagem Kadife, ao afirmar a possibilidade de reinterpretar a religião, demonstra a modalidade de *agência como empoderamento*, desafiando a estrutura patriarcal da religião à qual escolheu aderir.

As três tipologias de agência aplicadas à Kadife neste capítulo, por seguirem a lógica de resistência, não são suficientes para analisar a transformação da personagem em sujeito religioso. Assim, será proposto um quarto tipo de agência, complementar às anteriores, que pode ser utilizado para melhor compreender as experiências da personagem enquanto mulher muçulmana: a *agência como conformidade*.

CAPÍTULO 3 – KADIFE: AGÊNCIA COMO CONFORMIDADE E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO RELIGIOSO

Como visto no capítulo anterior, Kadife relata ao poeta Ka que sua experiência com o uso do véu foi marcada, inicialmente, por uma decisão de utilizá-lo como forma de atestar uma posição política, desafiando o Estado secular turco por meio da expressão religiosa. A personagem menciona, ainda, que não pretendia utilizar o véu por mais de um dia, posto que o fazia apenas para afirmar sua subversão às normas estatais. No entanto, na continuação de seu relato, Kadife narra que sofreu intensa repressão do Estado, da polícia e da imprensa local por utilizar o *hijab*. O ato de desafio da personagem causou sua prisão, sob a acusação de organizar uma manifestação ilegal. Kadife descreve, então, que ao ser solta do encarceramento, no dia seguinte, compreendeu que não poderia deixar de utilizar o véu após as experiências pelas quais havia passado. Ela conclui seu relato descrevendo que entendera, no momento em que saiu da prisão, que Deus a tinha submetido a todo aquele sofrimento para a ajudar a encontrar o caminho da verdade. A partir desse episódio, Kadife demonstra reconhecer-se enquanto muçulmana, permanece utilizando o véu e torna-se, eventualmente, líder do grupo de jovens veladas de Kars.

Ao buscar analisar a agência que a personagem exerce ao desejar expressar-se por meio de sua plena identificação com a religião, torna-se evidente que as abordagens anteriormente aplicadas ao presente trabalho não captam sua manifestação de agência de forma plenamente adequada. A necessidade da conceptualização de uma modalidade de agência que abarque o desejo dos indivíduos em se conformarem a uma determinada estrutura, nesse caso, a prática religiosa, é abordada na literatura sobre agência e religião. Avishai (2008, p. 412), em análise da agência de mulheres religiosas¹⁷, postula que a dicotomia entre subordinação e subversão, frequentemente presente nos estudos de agência, leva à equiparação do conceito de agência a capacidade de resistência. Dessa forma, as mulheres religiosas são consideradas submissas – não agentes – ou têm sua agência reconhecida apenas quando manifestam subversão.

As três modalidades de agência aplicadas até o momento neste trabalho enquadram-se, em maior ou menor medida, no segundo prisma dessa dicotomia, o de agência como ou resistência. Ao resistir à religião em si ou a outras estruturas por intermédio da prática religiosa, Kadife manifesta agência como resistência, agência instrumental e agência como

¹⁷ Orit Avishai (2008) analisa a agência de mulheres judias ortodoxas que praticam rituais tradicionais da religião, nomeadamente o *niddah*.

empoderamento¹⁸. As três tipologias enquadram-se como subversão já que a relação entre agente e estrutura não possui uma dimensão de passividade e denota algum tipo resistência do primeiro em relação ao segundo. As tipologias de agência postuladas por Kelsy Burke (2012, p. 128), utilizadas anteriormente são, para a própria autora, dependentes do entendimento dos indivíduos enquanto sujeitos autônomos. No entanto, é necessário considerar que indivíduos religiosos não podem ser sempre entendidos como plenamente autônomos, tendo em vista que não agem em busca de autonomia completa em relação à estrutura religiosa; buscam, na realidade, agir em relação à autoridade divina que reconhecem e à qual se submetem. Consequentemente, a agência de indivíduos religiosos não deve ser pensada somente em termos de autonomia, uma vez que que creem na vontade de Deus em detrimento ou em adição à sua própria (BURKE, 2012, p. 128).

Argumenta-se, portanto, que, para construir uma modalidade de agência que compreenda as motivações religiosas dos indivíduos, é necessário desafiar uma série de crenças: de que todos os seres humanos possuem um desejo inato por liberdade, de que todos os indivíduos buscam afirmar sua autonomia quando possível e de que a agência humana se reduz a atos que desafiam normas sociais, excluindo os que dão suporte a elas (MAHMOOD, 2005, p. 5). Tratando, ainda, da suposição de que os indivíduos possuem um desejo por liberdade, Mahmood (2005, p. 15) ressalta que todas as formas de desejo são organizadas discursivamente. Portanto, é importante analisar as condições práticas e conceituais que levam ao surgimento de diferentes formas de desejo¹⁹. Por meio dessa reflexão, torna-se possível compreender múltiplas expressões de desejo que não sejam completamente congruentes com as aspirações de liberdade e emancipação do feminismo, a exemplo do desejo pela submissão a uma autoridade divina reconhecida (MAHMOOD, 2005, p. 15).

Seguindo tal lógica, é válido, também, pensar em diferentes concepções de autonomia para o entendimento da agência de mulheres religiosas. Como visto, a autonomia individual é central para as análises que versam acerca da agência feminina. Essa concepção de autonomia é, frequentemente, considerada como capacidade de agir autonomamente em resistência a estruturas coercitivas. No entanto, as teorias que reproduzem esse entendimento desconsideram que a autonomia é uma questão individual que envolve o exercício da escolha e a satisfação de preferências individuais. Assim, a capacidade de agência de um indivíduo

¹⁸ Para a conceptualização e esquematização das categorias de agência utilizadas no trabalho, conferir Burke (2012, p. 124).

¹⁹ Phyllis Mack (2003, p. 149-150) ressalta a persistência com que intelectuais, até mesmo religiosos, utilizam um conceito de agência como autonomia. Por conseguinte, os mesmos desconsideram o desejo de indivíduos religiosos de transcenderem sua subjetividade (self-transcendence) através da religião, interpretando tal vontade como antiquada ou como ilusão.

pode ser, também, gerada em condições de sujeição do indivíduo a poderes externos. Por conseguinte, as mulheres religiosas exercem suas vontades também por meio de atos de obediência. A agência dessas mulheres não somente envolve fazer o que se deseja de forma autônoma, mas também fazer o que consideram correto, seja a consecução de dogmas religiosos ou de suas consciências individuais. Esse entendimento de agência implica, dessa maneira, tanto obediência quanto autonomia para exercer escolhas e agir sobre as mesmas (MACK, 2003, p. 151;156)

Ao argumentar que as modalidades de agência que obedecem à dicotomia entre subordinação e subversão não são suficientes para compreender a adesão de mulheres a religiões tradicionais em todos os contextos, Burke (2012, p. 127-129) agrupa abordagens de outras autoras que identificam agência na escolha das mulheres de se conformar com a religião sob a classificação de *agência como conformidade*²⁰. É possível identificar essa expressão de agência na personagem Kadife, quando ela passa a entender o uso do véu como a expressão da vontade divina para si própria, o que leva, a partir desse momento, ao reconhecimento de si enquanto muçulmana e à utilização do véu como parte fundamental da construção e expressão de sua identidade.

Assim, as diversas maneiras por meio das quais Kadife se insere na religião e com ela interage possibilitam uma mudança da personagem enquanto indivíduo, uma construção do seu *self* enquanto sujeito religioso. As múltiplas formas de inserção do indivíduo na religião e a transformação de sua subjetividade mediante interação com práticas e doutrinas religiosas são dois dos aspectos mais importantes para compreender a agência de mulheres que aderem a religiões tradicionais em consonância com a modalidade de *agência como conformidade*.

3.1. A TRANSFORMAÇÃO DO *SELF* DO SUJEITO RELIGIOSO

Saba Mahmood é uma das mais proeminentes autoras que se dedicaram à criação de um conceito de agência que fosse capaz de compreender a inserção não subversiva de mulheres em religiões tradicionais. Mahmood (2005) considera que a suposição de que todos os indivíduos são autônomos resulta numa omissão de análise da agência presente em atos de passividade e docilidade. São exemplos desses atos a aceitação da doutrina religiosa sem que haja questionamento ou desejo de subversão de aspectos da religião. A autora argumenta que

²⁰ Referida como *compliant agency* por Kelsy Burke (2012), podendo, também, ser traduzida como agência complacente.

discursos e estruturas de subordinação, tais como a religião, criam as condições para ações de docilidade e aparente passividade, que devem ser consideradas manifestações de agência. Em suma, a autora defende que a capacidade de agência não é restrita aos atos de resistência às normas: há manifestação de agência, também, na forma com que os indivíduos se inserem docilmente em determinado conjunto de normas (MAHMOOD, 2005, p. 15).

É possível entender o uso do *hijab* e o sentido plenamente religioso que Kadife a ele atribui como dimensões da construção da identidade da personagem enquanto mulher muçulmana e velada. Esse aspecto de “construção do *self*” é fundamental para o entendimento de agência enquanto conformidade à religião. Partindo da teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, Avishai (2008, p. 412) propõe que, assim como performances de gênero engendram a formação do sujeito, a prática religiosa contribui para a construção da subjetividade de um indivíduo religioso. A autora defende que, ao estender a análise de agência para além da dicotomia subordinação/resistência, Butler tornou possível identificar agência no trabalho de um indivíduo sobre si, a fim de tornar-se um sujeito voluntário de um determinado discurso, a exemplo da religião. Considera-se, portanto, que sujeitos religiosos operam, se expressam e “se tornam” dentro da religião enquanto estrutura normativa de poder, definindo assim o conceito *doing religion*. Esse conceito representaria um projeto semiconsciente, um modo de conduta e uma performance da identidade do indivíduo; não consiste, portanto, numa ação plenamente intencional ou estratégica (AVISHAI, 2008, p. 413). Através da construção do conceito *doing religion*, Avishai contribui para a extensão da concepção de agência para além do entendimento de subversão e resistência.

Como resultado de um estudo dos movimentos de mesquitas no Egito e das mulheres que destes participavam ativamente, Mahmood postulou, no livro *Politics of Piety* (2005), a existência de agência em ações de docilidade e também ressaltou o processo transformativo das mulheres para agirem de forma devota. A autora aponta dois principais desafios para a manutenção de um estilo de vida piedoso, destacados pelas mulheres religiosas em suas reuniões de grupo: (1) conviver com outras pessoas que dificultavam o exercício de sua religiosidade diariamente e (2) a batalha interna que deveriam travar consigo mesmas em um mundo que constantemente dificultava o exercício de sua conduta piedosa (MAHMOOD, 2005, p. 156). O segundo desafio apontado pelas mulheres religiosas estudadas por Mahmood sugere um trabalho interno e constante para o pleno exercício da religião. Mahmood descreve a utilização do véu islâmico como um processo, um exercício da religiosidade que se adquire com a prática. Os hábitos religiosos, portanto, não surgem a partir de desejos inatos e sim de práticas e ações com as quais os indivíduos se engajam e que determinam seus desejos e

sentimentos; ou seja, as ações de indivíduos religiosos não partem de sentimentos naturais, mas os criam. Por meio de atos repetidos de corporificação, esses indivíduos treinam sua memória, intelecto e desejo ao agirem de acordo com padrões estabelecidos de conduta. As ações de corporificação são, portanto, marcadores de uma conduta piedosa e, também, a forma pela qual o indivíduo pratica sua piedade (MAHMOOD, 2005, p. 157-158). Para o caso específico do véu, Mahmood (2005, p. 161) ressalta a dualidade existente entre os sentimentos internos das mulheres e a forma como elas se expressavam externamente. A autora conclui que o uso do véu não somente expressava a vontade interior dessas mulheres, como era também a forma pela qual essa vontade foi adquirida com a prática.

Avishai analisa a agência de mulheres religiosas com base na hipótese de Saba Mahmood de que a agência pode ser expressada em termos de docilidade. No entanto, enquanto o foco de Mahmood é na conduta dócil enquanto um “*self-authoring project*”, Avishai debruça-se sobre o aspecto da construção da religiosidade (AVISHAI, 2008, p. 413). Em outros termos, Mahmood analisa a transformação da subjetividade religiosa como um projeto individual e pessoal. Avishai complementa esse entendimento ao propor que a construção da subjetividade religiosa se relaciona, também, a aspectos externos, de manifestação da religiosidade em oposição às estruturas que cercam estes indivíduos. Por conseguinte, a autora defende que a prática de hábitos religiosos por mulheres que aderem a doutrinas tradicionais leva a um projeto de transformação, em que estas se tornam sujeitos religiosos através da prática contra a imagem de um Outro secular (AVISHAI, 2008, p. 423). Ao analisar as experiências de mulheres judias ortodoxas que realizavam o ritual do *niddah*²¹, a autora nota que a plena aderência à religião pode ser perpassada por sentimentos ambivalentes em relação às práticas religiosas. No entanto, a ambivalência de sentimentos em relação à religião não sinaliza uma disjunção em relação à conformidade religiosa; na realidade, trata-se de um aspecto constitutivo desta. Esse tipo de análise permite dar voz às experiências reais das mulheres que aderem a religiões tradicionais (AVISHAI, 2008, p. 423).

Avishai busca, assim, adicionar outra dimensão ao entendimento de Mahmood de que as práticas religiosas são uma forma de cultivar a subjetividade dos indivíduos religiosos argumentando que, para além desse aspecto, a conduta religiosa pode surgir como forma de contraposição a uma cultura predominantemente secular. A autora sugere, nesse sentido, uma

²¹ O *niddah* é um ritual de pureza menstrual praticado por mulheres que seguem o judaísmo ortodoxo. As leis do *niddah* regulam a sexualidade marital, estabelecendo um ciclo de pureza e impureza sexual. Esse ciclo demarca os períodos de intimidade física permitida ou proibida entre os casais. Desde o início da menstruação até o banho de purificação (*mikvek*) ao fim desta, qualquer tipo de contato físico entre esposa e marido é proibido (AVISHAI, 2008, p. 412-413). Grande parte das mulheres que aderem a esse ritual aprende o processo em aulas e através das regulações prescritas pelos rabinos (BOB, [s.d.])

teoria de agência fundamentada na observância religiosa e não somente na docilidade na conduta religiosa. Essa forma de agência proposta pela autora é centrada na premissa de que a observância da religião acarreta um processo de construção e performance de uma identidade religiosa que se contrapõe à imagem de um Outro secular. Portanto, a subjetividade religiosa é aprendida, negociada e alcançada por meio da adesão ou da performance de práticas que distinguem os indivíduos religiosos dos não religiosos (AVISHAI, 2008, p. 427-428).

Com base na discussão acima, argumenta-se que a agência como conformidade manifestada por Kadife une os aspectos de transformação da subjetividade do indivíduo religioso postulados por Saba Mahmood (2005) e Orit Avishai (2008). É possível perceber que Kadife adquire seu desejo pelo uso do véu e molda sua subjetividade em torno da religião a partir da prática do uso do véu, da sua expressão externa enquanto mulher velada. Sua construção enquanto sujeito religioso com base na corporificação mediada pelo uso do véu coaduna com as proposições de Saba Mahmood. Além disso, por viver em uma sociedade secular na qual o uso do véu é percebido como um desafio, Kadife também pratica sua conduta religiosa em oposição a um Outro secular, tal como proposto por Orit Avishai. De ambas as formas, Kadife interage com a estrutura em que se insere – a religião – de múltiplas maneiras, construindo, por meio delas, sua subjetividade enquanto sujeito religioso, configurando, assim, uma *agência como conformidade*.

A aplicação dessa modalidade de agência complementa a análise dos tipos de agência apresentadas anteriormente, que seguem a lógica da resistência. Além disso, a complementaridade dos tipos de agência utilizados no trabalho demonstra que a capacidade de agir da personagem varia ao longo da narrativa. O argumento de Avishai de que a ambivalência de sentimentos em relação à religião é parte constitutiva da conformidade religiosa reforça a complementaridade das modalidades de agência aplicadas a Kadife. Por meio do desejo de livre interpretação da religião, a personagem manifesta a modalidade de agência como empoderamento, como exposto no Capítulo 2. No entanto, Kadife não deixa de expressar sua conformidade religiosa e de reconhecer-se enquanto sujeito religioso, aspectos que configuram a modalidade de agência como conformidade.

Corroboram-se, portanto, as afirmativas de que a agência de um indivíduo não é imutável e de que as modalidades utilizadas neste trabalho não são excludentes. A personagem Kadife, sujeito da análise, manifesta diferentes agências ao longo de um contínuo, tornando possível afirmar que a aplicação de diferentes modalidades de agência a momentos distintos de sua trama permite uma compreensão mais detalhada e aprofundada da personagem enquanto mulher muçulmana velada.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar as diferentes formas com que a personagem Kadife, enquanto mulher muçulmana que utiliza o véu, interage com as estruturas que a cercam, manifestando múltiplas modalidades de agência no contexto dessas interações. A escolha da personagem dentre os demais do livro *Neve* deveu-se ao fato de que as relações que Kadife estabelece com as estruturas são feitas mediante o uso do véu islâmico e de sua identificação com a religião. Buscou-se, por meio do objetivo de reconhecer nessas interações as diferentes manifestações de agência da personagem, expandir os estudos do campo das Relações Internacionais que aplicam o conceito de agência, levando para a disciplina o entendimento de que as mulheres veladas podem expressar diferentes formas de agência. Por meio do reconhecimento de múltiplas modalidades de agência desse grupo social, a presente pesquisa visou reafirmá-las enquanto sujeitos de Relações Internacionais. Dessa forma, esta monografia visou contribuir para demais estudos que tenham como sujeitos principais de análise as mulheres muçulmanas que utilizam o *hijab* ou outras formas de vestimentas religiosas; para tanto, propôs o conceito de agência como marco teórico de análise apropriado para estudar as experiências destas dentro do campo das Relações Internacionais.

Para alcançar os objetivos de pesquisa, foram aplicadas quatro modalidades de agência propostas por Kelsy Burke (2012) às experiências relatadas pela personagem Kadife ao longo da narrativa do livro, tendo como enfoque principal sua relação pessoal com o *hijab* e com a religião. Os quatro tipos de agência identificados na história da personagem foram: *agência como resistência*, *agência instrumental*, *agência como empoderamento* e *agência como conformidade*. Suas características principais e os aspectos estruturais que permitiram a localização de cada uma delas nas vivências de Kadife são sintetizados na tabela-resumo abaixo.

Tabela 2 – Tabela resumo da aplicação das modalidades de agência à Kadife

(continua)

Modalidades de Agência	Características Principais²²	Manifestação por Kadife
Resistência	A religião figura como a estrutura normativa em relação à qual se manifesta resistência.	Kadife manifesta essa agência ao ridicularizar as jovens que utilizavam o véu, demonstrando resistência à manifestação religiosa por meio do dele.

²² Retiradas de Burke (2012).

(conclusão)

Modalidades de Agência	Características Principais²³	Manifestação por Kadife
Instrumental	A adesão a costumes religiosos é estratégica, de forma a possibilitar a resistência a estruturas normativas externas à religião.	Kadife expressa uma agência instrumental ao aderir ao uso do véu como forma de manifestar subversão política em relação ao Estado secular turco.
Empoderamento	Adesão à religião como forma de empoderamento frente a estruturas diversas, incluindo aspectos da própria religião. Mudança da resposta do indivíduo em relação a aspectos que considera opressivos na estrutura.	Após passar a utilizar o véu por motivos religiosos, Kadife demonstra essa agência ao defender a liberdade de interpretação da religião em relação ao pecado cometido pela amiga que havia se suicidado para não ter que abandonar o uso do véu.
Conformidade	Agência se manifesta nas múltiplas formas com que um indivíduo se insere no conjunto normativo da religião, denotando a escolha individual em se conformar a tais normas. A transformação do <i>self</i> do indivíduo é central.	Identifica-se uma agência como conformidade quando Kadife relata que a repressão que sofreu por utilizar o véu fez com que se reconhecesse como muçulmana e com que aderisse ao uso do <i>hijab</i> como parte de sua identidade.

Fonte: A autora (2016) com base em Burke (2012)

Por meio da aplicação das modalidades supracitadas à narrativa de Kadife, o presente estudo confirmou a hipótese de que a agência da personagem Kadife pode ser entendida como variando ao longo de um contínuo; conclui-se, nesse sentido, que a agência da personagem de fato varia ao longo de sua vida. Dessa maneira, corrobora-se também o argumento de que as tipologias de agência, apesar de corresponderem a diferentes estruturas e denotarem diferentes ações, não são excludentes entre si. Além disso, por intermédio da aplicação de quatro modalidades de agência a um mesmo indivíduo, o trabalho pretendeu contribuir para a compreensão desses tipos de agência como complementares, combinando-os para uma análise mais completa e aprofundada da agência da personagem Kadife.

Este estudo objetiva colaborar para o aumento de pesquisas que explorem a intersecção existente entre a disciplina e a cultura popular. A consolidação da cultura popular enquanto tema de interesse das Relações Internacionais é de grande importância para o campo por expandir as fontes tradicionalmente utilizadas. As produções de cultura popular podem apresentar grande importância para a disciplina com base no reconhecimento da relação constitutiva entre elas. Ao compreender os campos como mutuamente influenciáveis e em

²³ Retiradas de Burke (2012).

constante interação, as Relações Internacionais podem extrair da cultura popular inspirações para novas pesquisas, utilizá-la enquanto recurso pedagógico para esclarecer teorias e nela identificar aspectos factuais da realidade que ajudem a elucidar fenômenos da política internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFSHAR, H. Can I see your hair? Choice, agency and attitudes: the dilemma of faith and feminism for Muslim women who cover. **Ethnic and Racial Studies**, v. 31, n. 2, p. 411–427, 2008.
- AFSHAR, H.; AITKEN, R.; FRANKS, M. Feminisms, Islamophobia and identities. **Political Studies**, v. 53, n. 2, p. 262–283, 2005.
- ARAT, Y. Feminists, Islamists, and Political Change in Turkey. **Political Psychology**, v. 19, n. 1, p. 117–131, 1998.
- AVISHAI, O. “Doing Religion” In a Secular World: Women in Conservative Religions and the Question of Agency. **Gender & Society**, v. 22, n. 4, p. 409–433, 2008.
- AVISHAI, O.; GERBER, L.; RANGLES, J. The Feminist Ethnographer’s Dilemma: Reconciling Progressive Research Agendas with Fieldwork Realities. **Journal of Contemporary Ethnography**, 42(4), p. 394–426.
- BBC. **What's the difference between a hijab, niqab and burka?** Disponível em: < <http://www.bbc.co.uk/newsround/24118241>>. Acesso em: 17 nov. 2016.
- BERNAL, V. Gender, Culture, and Capitalism: Women and the Remaking of Islamic “Tradition” in a Sudanese Village. **Comparative Studies in Society and History**, v. 36, n. 1, p. 36–67, 1994.
- BILGE, S. Beyond Subordination vs. Resistance: An Intersectional Approach to the Agency of Veiled Muslim Women. **Journal of Intercultural Studies**, v. 31, n. 1, p. 9–28, 2010.
- BOB, C. **The Laws of Niddah**: How to count days and prepare for the mikveh according to traditional halakhah. Disponível em: < <http://www.myjewishlearning.com/article/the-laws-of-niddah/>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- BRACKE, S. Author(iz)ing Agency: Feminist Scholars Making Sense of Women’s Involvement in Religious “Fundamentalist” Movements. **The European Journal of Women’s Studies**, v. 10, n. 3, p. 335–346, 2003.
- BURKE, K. C. Women’s agency in gender-traditional religions: A review of four approaches. **Sociology Compass**, v. 6, n. 2, p. 122–133, 2012.
- DINGLI, S. We need to talk about silence: Re-examining silence in International Relations theory. **European Journal of International Relations**, v. 21, n. 4, p. 721–742, 2015.
- EHLERS, N. Identities. In: **Oxford Handbook of Feminist Theory**. DISCH, L.; HAWKESWORTH, M. (eds.). Oxford: Oxford University Press, p. 39-60. 2016.
- EL GUINDI, F. Veil: Modesty, Privacy and Resistance. **Dress, Body , culture**, p. 242, 1999.
- HANSEN, L. A Research Agenda on Feminist Texts and the Gendered Constitution of International Politics in Rebecca West’s Black Lamb and Grey Falcon. **Millennium -**

Journal of International Studies, v. 40, p. 109–128, 2011.

ISRAEL-COHEN, Y. Jewish Modern Orthodox Women, Active Resistance and Synagogue Ritual. **Contemporary Jewry**, v. 32, n. 1, p. 3–25, 2012.

KORTEWEG, A. C. The Sharia Debate in Ontario: Gender, Islam, and Representations of Muslim Women's Agency. **Gender & Society**, v. 22, n. 4, p. 434–454, 2008.

LEMING, L. M. Sociological Explorations : What Is Religious Agency? **The Sociological Quarterly**, v. 48, n. 1, p. 73–92, 2007.

MACK, P. Religion, Feminism, and the Problem of Agency: Reflections on Eighteenth-Century Quakerism. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 29, n. 1, p. 149–177, 2003.

MAHMOOD, S. **Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject**. Oxford: Princeton University Press, 2005.

McNAY, L. Agency. In: **Oxford Handbook of Feminist Theory**. DISCH, L.; HAWKESWORTH, M. (eds.). Oxford: Oxford University Press, p. 39-60. 2016.

NEUMANN, I. B.; NEXON, D.H. 'Introduction: Harry Potter and the study of world politics', in: Daniel H. Nexon/Iver B. Neumann (eds.). **Harry Potter and International Relations**. Lanham et al: Rowan&Littlefeld, p. 1-26. 2006.

NORTON, J. Faith and Fashion in Turkey. In: LINDISFARNE, N.; INGHAM, B. (eds.), **Languages of Dress in the Middle East**, pp. 149–77. London: Curzon with The Centre of Near and Middle Eastern Studies, SOAS, 1997.

PAMUK, O. **Neve**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAID, E. W. **Orientalism**. London: Penguin Books, 1978.

SALIME, Z. Mobilizing Muslim Women: Multiple Voices, the Sharia, and the State. **Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East**, v. 28, n. 1, p. 200–211, 2008.

SINGER, D. The Level-of-Analysis Problem in International Relations. **World Politics**, v. 14, n. 1, p. 77–92, 1961.

SHIVELY, K. SOCIAL THOUGHT & COMMENTARY Taming Islam : Studying Religion in Secular Turkey. **Anthropological Quarterly**, v. 81, n. 3, p. 683–711, 2008.

TOK, G. C. The securitization of the headscarf issue in Turkey: "the good and bad daughters" of the republic. **Ritsumeikan Annual Review of International Studies**, v. 8, p. 113–137, 2009.

WANZO, R. Pop culture/visual culture. In: **Oxford Handbook of Feminist Theory**. DISCH, L.; HAWKESWORTH, M. (eds.). Oxford: Oxford University Press, p. 39-60, 2016.

WINTER, B. Fundamental Misunderstandings: Issues in Feminist Approaches to Islamism.

Journal of Women's History, v. 13, n. 1, p. 9–41, 2001

APÊNDICE A – Sinopse do livro *Neve* de Orhan Pamuk

O livro *Neve*, do autor turco Orhan Pamuk, laureado do Prêmio Nobel de Literatura, narra a trajetória de Ka em sua visita à cidade fronteiriça de Kars. Ka é um poeta nascido e criado na Turquia que havia vivido os últimos anos como exilado político em Frankfurt, na Alemanha. Ka retorna para a Turquia, precisamente para Istambul, para comparecer ao velório de sua mãe. O poeta toma conhecimento, por intermédio da imprensa, de uma onda crescente de jovens estudantes da cidade de Kars que haviam cometido suicídio ao serem pressionadas pela escola secular a deixarem de usar o véu islâmico, o *hijab*. Ka decide, então, viajar à pequena cidade do leste da Turquia sob o pretexto de atuar como jornalista investigativo acerca dos casos de suicídio.

Além da investigação sobre as jovens suicidas, uma antiga paixão que Ka nutria por Ipek, a quem conheceu quando jovem, motivou sua viagem à cidade de Kars. O pai de Ipek, Turgut bei, era um antigo militante comunista e dono de um dos poucos hotéis da pequena cidade. A irmã de Ipek, Kadife, por sua vez, seguia a fé muçulmana e era considerada a líder das jovens veladas da cidade. Ka se vê motivado a visitar Kars em razão de sua paixão platônica por Ipek, que havia acabado de se separar de seu marido.

Assim que Ka chega à cidade, esta é atingida por uma forte nevasca que leva ao fechamento de todas as estradas que a conectam ao restante do país, a isolando por três dias. Ao longo desse período, o livro narra as experiências de Ka e dos demais personagens em meio a um embate entre os ideais seculares kemalistas e a islamização da sociedade. A islamização é representada pelas personagens que se suicidaram frente à pressão para abandonarem o véu, por Kadife, pelos alunos do colégio religioso e por Azul, um líder da resistência islâmica fundamentalista na Turquia que estava na cidade.

Em oposição à manifestação da fé islâmica em um estado secular, o ator Sunay Zaim e sua esposa, que estavam em Kars para encenar uma peça no teatro da cidade, orquestram juntamente com o exército da cidade um golpe civil-militar, deflagrado em meio ao espetáculo. O que todos pensavam ser uma encenação torna-se um episódio trágico que dá início ao golpe quando Sunay Zaim ordena que soldados abram fogo contra a plateia, atingindo, entre outros, um grupo de alunos do instituto de ensino religioso. A peça era considerada um grande evento na cidade e estava sendo transmitida pela televisão local, o que, ao mesmo tempo, espantou e confundiu a população acerca da veracidade dos fatos vistos na peça.

A partir da eclosão do golpe civil-militar liderado pelo ator Sunay Zaim e executado pelo exército, a cidade vive um momento de polarização entre o secularismo e a islamização. Os líderes do golpe fazem oposição especial ao uso do véu como símbolo da fé islâmica em uma sociedade que acreditavam que deveria primar pelo secularismo de Kemal Ataturk. O personagem Ka se vê, então, no centro dessa polarização. Ele havia sido convidado por Sunay Zaim para recitar seu mais novo poema na peça em que se inicia o golpe e havia tido contato, também, com alguns estudantes do colégio religioso, com Kadife e com o islamita Azul. No que se segue, o livro narra o romance de Ka e Ipek e a retomada da produção de poemas de Ka em meio às atrocidades do golpe que polarizam a cidade.